


Leitor fluente – 4º e 5º anos do  
Ensino Fundamental

The logo for VEREDAS, featuring the word in a bold, sans-serif font with a stylized 'V'.

ILAN BRENMAN

## A amizade eterna e outras vozes da África

Leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

---

**PROJETO DE LEITURA**

Elaboração: Luísa Nóbrega  
Coordenação: Maria José Nóbrega

---

 MODERNA

The logo for MODERNA, featuring a stylized graphic of a bird or wing above the word in a bold, sans-serif font.

# Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,  
Uma árvore bem frondosa  
Doze galhos, simplesmente  
Cada galho, trinta frutas  
Com vinte e quatro sementes?*<sup>1</sup>

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*“Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer.”*<sup>2</sup>

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

*Depende de nós.*

<sup>1</sup> In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

<sup>2</sup> *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

---

## **DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA**

### **UM POUCO SOBRE O AUTOR**

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

### **RESENHA**

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

### **COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA**

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

### **QUADRO-SÍNTESE**

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:  
Palavras-chave:  
Áreas envolvidas:  
Temas transversais:  
Público-alvo:

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

### b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

### c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

### ✦ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

### ✦ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

### ✦ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

### ✦ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

## DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

ILAN BRENMAN

## A amizade eterna e outras vozes da África

Leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

### **UM POUCO SOBRE O AUTOR**

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de portenhos (argentinos), neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 30 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), *O turbante da sabedoria* (SM, 2008) e *O Senhor do Bom*

*Nome* (Cosac Naify, 2004). Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Para saber mais informações sobre a trajetória do autor: [www.ilan.com.br](http://www.ilan.com.br).

### **RESENHA**

Um ferreiro diz ao rei que só realizará seu pedido se o soberano ordenar que todos os súditos raspem os cabelos e encham 200 vasilhas de barro com lágrimas; um avestruz deixa de levantar as asas para que ninguém mais lhe roube o fogo; uma aranha esconde sua inteligência para

continuar a ser o animal mais inteligente do mundo; um escravo encoraja o príncipe mais novo a se passar pelo irmão mais velho autoritário; um menino decifra o segredo de um pergaminho misterioso; um garoto generoso escapa por pouco de ser devorado por um crocodilo; um porco-espinho consegue ser mais esperto do que um chacal; um homem perde a esposa por não resistir à curiosidade de abrir uma cesta vazia. Ilan Brenman reconta uma série de narrativas africanas que pesquisou em suas viagens pelo continente onde se deu a origem da vida humana no planeta Terra.

Os contos desse livro permitem-nos chegar um pouco mais perto do imaginário africano – o que, em outras palavras, pode ser uma maneira de nos reconhecermos, pois é no continente africano que foram encontrados os primeiros vestígios de vida na Terra. No caso do Brasil, a conexão com a África é muito mais direta, já que nossa história é profundamente marcada pela escravidão e a maior parte da nossa população descende do povo africano, que veio trazido pelos portugueses, acorrentados nos temíveis navios negreiros, há séculos.

Encontramos nesses contos uma terra em que os animais são tão inteligentes, sagazes e caprichosos quanto os homens, em que a justiça é um conceito mais flexível do que parece, e ser sagaz e atento é mais importante do que seguir as regras. Como Ilan Brenman chama a atenção em seu texto de abertura, em diversos contos é possível encontrar um enredo ou alguns elementos bastante semelhantes a outros textos como a narrativa bíblica de Esaú e Jacó, a *Gata Borralheira*, dos irmãos Grimm, e até mesmo a narrativa grega da caixa de Pandora – o que nos faz pensar na maneira interessante como as histórias tradicionais se refletem e se contaminam. Em alguns contos, estruturas de hierarquia, poder e servidão aparecem nas histórias – questões de obediência ou desobediência, estratégias para lidar com governantes autoritários é uma questão problemática que parece atravessar toda a história da humanidade. É interessante notar como narrativas simples podem discutir questões complexas como vida, morte, poder.

## QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** contos tradicionais.

**Palavras-chave:** África, origem, escravidão, ancestralidade, esperteza, traição, astúcia.

**Áreas envolvidas:** Língua Portuguesa, História, Geografia.

**Tema transversal:** pluralidade cultural.

**Público-alvo:** leitor fluente (6º e 7º anos do Ensino Fundamental).

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### Antes da leitura

1. Chame a atenção dos alunos para os provérbios africanos que constam no livro: *Se você acha que é pequeno demais para fazer a diferença, experimente dormir com um mosquito*, na quarta capa; *Se você quiser ir rápido, ande sozinho*. *Se você quiser ir longe, ande em grupo*, na epígrafe. De que maneira os alunos interpretam o sentido de ambas as frases?
2. Explique aos alunos em que consiste um provérbio e estimule-os a conversar com familiares e conhecidos de modo que criem uma lista de provérbios populares no Brasil. Se quiser, amplie a lista com uma pesquisa na Internet.
3. Mostre aos alunos o mapa da África que se encontra após o sumário. Por que será que só alguns países aparecem nomeados e outros não? Veja se percebem que o ilustrador optou por colocar somente os nomes dos países de onde provêm as narrativas presentes no livro. Em seguida, entregue a eles cópias do mapa e estimule-os a completá-lo com o nome dos países restantes.
4. Divida a turma em dez grupos e proponha que cada um realize uma pesquisa a respeito de um destes países: Argélia, Egito, Serra Leoa, Togo, Gana, Congo, Uganda, Tanzânia, Botsuana e Lesoto para apresentar aos colegas. Peça que selecionem imagens de cada um deles para organizar um mural em sala.
5. Na apresentação do livro, o autor comenta: *Olhar para o continente africano é vislumbrar*

nossa própria origem, o início da jornada humana na Terra. Existem muitas descobertas e investigações científicas que afirmam que o homo sapiens surgiu na África e de lá se espalhou por todos os continentes. Estimule os alunos a pesquisar mais sobre o assunto.

6. Leia com a turma a apresentação do livro feita pelo autor, na qual se revela como contador de histórias. Pergunte aos alunos se já ouviram histórias contadas por um contador profissional. Que recursos empregavam para contar suas histórias? Que entonação usavam? Que ritmo davam à narrativa? Como diferenciavam as vozes dos personagens? Utilizavam instrumentos musicais ou outros objetos? Qual a relação que estabeleciam com os ouvintes? A seguir, proponha que visitem a página do autor: <http://www.ilan.com.br/104/home/>. Entrando no link "histórias" poderão assistir ao próprio autor narrando pequenos e saborosos contos.

7. Ainda no texto de abertura, o autor comenta como um dos contos do livro possui similaridade com a narrativa bíblica de Esaú e Jacó – será que os alunos conhecem essa história? Se possível, traga o texto para ler com a turma.

### **Durante a leitura**

1. Peça aos alunos que prestem atenção no país de origem de cada uma das narrativas, lembrando-se das imagens levantadas em sua pesquisa.

2. Estimule-os a procurar semelhanças entre os contos do livro e outras narrativas que conhecem, prestando especial atenção nos paralelos já traçados pelo autor com a narrativa bíblica de Esaú e Jacó e com o conto de fadas *Cinderela*.

3. Proponha aos alunos que observem como os contos do livro são bastante heterogêneos: alguns são narrativas míticas que explicam a origem de fenômenos naturais e determinadas características dos animais; outros se debruçam sobre relações humanas, com seus sentimentos contraditórios e desigualdades sociais; outros ainda se parecem com fábulas e contos de fada.

4. Peça à turma que procure atentar para os detalhes das belas ilustrações de Catarina Bessel, procurando perceber como, além de retratar personagens e situações, a ilustradora cria padrões geométricos que remetem à iconografia africana.

### **Depois da leitura**

1. Se os alunos tivessem que agrupar as narrativas do livro em conjuntos semelhantes, que critérios usariam? Sugira que voltem a folhear o livro, relembrando as histórias, ao realizar a tarefa. Em seguida, deixe que os grupos apresentem suas classificações uns para os outros. Será que alguns critérios se repetem?

2. Algumas narrativas do livro, como *O roubo da inteligência*, *A esperteza do coelho* e *Quem é o mais velho*, possuem muitos aspectos em comum com as fábulas: são narrativas que buscam trazer algum tipo de ensinamento ou reflexão a respeito dos hábitos e das relações humanas, em que alguns ou todos os personagens são animais falantes. Traga alguns exemplos de fábulas de Esopo e La Fontaine para ler com a turma. As fábulas quase sempre terminam com uma "moral da história" – um texto curto, algumas vezes em versos, que sintetiza o ensinamento contido no conto. Proponha que os alunos, em duplas, escrevam uma "moral da história" para três dos contos do livro.

3. O conto *A cesta proibida* possui muitos elementos em comum com a lenda brasileira da Mãe d'água: um homem se casa com uma mulher pertencente a outro mundo (o céu, na narrativa africana; o mar, na brasileira), mas acaba colocando tudo a perder por não obedecer a uma única e simples condição. Leia a lenda com os alunos (disponível no site <http://www.jangadabrasil.com.br/temas/maio2009/te12405c.asp>) e proponha que tracem paralelos entre ambas. Comente em seguida que a semelhança entre as duas histórias pode ser mais do que coincidência, já que a cultura africana teve influência direta na cultura brasileira, por causa da escravidão.

4. Convide os professores de História e Geografia para conversarem com os alunos a respeito da África: o professor de História poderia dar aos alunos uma aula sobre como se deu a escravidão no Brasil e como a abolição ocorreu de forma descuidada, contribuindo para problemas graves de racismo e desigualdade social no país; o professor de Geografia, por sua vez, poderia oferecer

um panorama das diferentes realidades vividas por distintos países africanos em tempos pós-coloniais. Será que os alunos sabem que existem países na África onde se fala a língua portuguesa?

5. Proponha que os alunos visitem a biblioteca da escola em busca de mitos e lendas da tradição afro-brasileira. Comente com eles que religiões de origem africana, como o Candomblé e a Umbanda, ainda são fortemente estigmatizadas no Brasil, tachadas de macumba ou feitiçaria. Estimule-os a buscar saber mais a respeito da mitologia dos orixás.

6. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, em uma das suas falas, comenta como, na mitologia indígena brasileira, os homens morrem não por conta de um castigo, como na narrativa bíblica do pecado original, mas por conta de um equívoco (caso o professor tenha interesse em se aprofundar no assunto, recomendamos que assista a excelente palestra do antropólogo, disponível no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=nz5ShgzmuW4>). O conto *A pele da imortalidade* sugere que isso talvez seja verdade tratando-se de narrativas africanas. Leia com seus alunos a bela lenda indígena *Mavutsinim* e o *Primeiro Kuarup* (disponível em <https://contosdocovil.wordpress.com/2008/11/06/mavutsinim-e-o-primeiro-kuarup/>), em que, como na narrativa africana, os homens por muito pouco não se tornaram imortais.

7. Ilan Brenman comenta em sua apresentação que o conto *A cinderela africana* é mais antigo que os contos de Grimm e Perrault e até mesmo que as versões chinesa, do século IX, disponível no blog <http://chines-classico.blogspot.co.uk/2007/07/contos-chineses-por-lin-yutang.html>. Traga as versões chinesa, alemã e francesa do conto para ler com a turma e estimule os alunos a perceber quais elementos se mantêm e

quais se modificam de uma narrativa para a outra. Chame a atenção dos alunos para o fato de que nas versões africana, chinesa e alemã são animais que exercem a função que na versão de Perrault caberá à figura da Fada Madrinha, que se tornou célebre pela adaptação da Disney. Provavelmente notarão, também, que no conto de Grimm e na versão chinesa o desfecho da madrasta e das irmãs é bastante cruel.

8. Traga para ler com a turma a narrativa bíblica de Esaú e Jacó, que, segundo Ilan Brenman, possui muitos elementos comuns com o conto *Dinga, o rei de Gana*.

9. Assista com a turma ao belo longa-metragem de animação *Kiriku, os homens e as mulheres*, dirigido por Michel Ocelot. O roteiro do filme foi inspirado em narrativas da África Ocidental e possui uma atmosfera semelhante à de muitos contos do livro – nele, assistimos ao pequeno Kiriku enfrentar desafios sobrenaturais e humanos. Distribuição, Imovision.

### LEIA MAIS...

#### ► do mesmo autor

*Pai cabide*. São Paulo: Moderna.

*Segredos*. São Paulo: Moderna.

*As 14 pérolas da Índia*. São Paulo: Brinque Book.

#### ► do mesmo gênero

*As histórias da preta*, de Eloisa Pires Lima. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

*Contos e lendas afro-brasileiros*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Cia. das Letras.

*África: contos do rio, da selva e da savana*, de Silvana Salerno. São Paulo: Girassol.

*Contos e lendas da África*, de Yves Pinguilly. São Paulo: Cia. das Letras.

*Contos populares da Angola*, organização de Viale Moutinho. São Paulo: Landy.